



Nuno Costa Santos

Crónicas do Corpo Santo

Tantas Rimas entre as Ilhas

Eleições. Discursos antes e depois das eleições. Ouço candidatos a falarem só da sua ilha, a dizem que vão defender a sua ilha, que a sua ilha é que é. Aceitemos o discurso porque é, antes de mais, pela ilha que lá chegam. Mas acrescentemos um condimento elementar. Nenhum homem, ou seja nenhum candidato, é uma ilha. Ainda para mais numa Região Autónoma com nove ilhas. Ou por outra: caso não haja um sentido de que se faz parte de um arquipélago, de um arquipélago que, para se fortalecer, para ser melhorado sob o ponto de vista das condições de vida, para se afirmar no país e fora dele como corpo político, geográfico e estratégico, precisa de se unir, é apenas ver uma parte do que se pode e deve fazer.

Lutar por uma ilha não basta. Para parafrasear outro autor, é preciso que bastante mude para que tudo não fique na mesma. Dir-me-ão: estás a ignorar os bairrismos. Não, não estou. Estou a assumi-los, a perceber que não vão ser extintos, muito menos de um momento para o outro, mas também a notar que, caso não se persiga um mínimo bairrismo arquipelágico, o esforço de cada um será, numa generosa fatia, em vão. A pordática vergonha, de que tantos falam, entre políticos e comentadores, continuará a ser a mesma. Além disso, e a acreditar que cada eleito vai lutar por um programa, é impossível que este seja minimamente concretizado se se defender apenas uma porção do conjunto.

Sabemos, sim, que as ilhas são distintas umas das outras, que cada uma delas tem a sua personalidade, uma forma de estar das suas gentes, um desenho próprio, e que isso é factor importante para essa convicção de que há que defender apenas o chão que se pisa todos os dias. Quem pensa assim esquece-se que essa postura apenas vale para dentro. Que para fora, para o referido posicionamento, aquele que nos fortalece e nos justifica no mapa dos que contam, somos vistos como um todo. Olhar o umbigo, zelar pelo umbigo, é um gesto muito humano. Mas nada sagaz sob o ponto de vista estratégico. Na vida quotidiana e na política.

Cada vez mais me convenço de que, no nosso chão cultural, temos, entre as nossas ilhas, mais afinidades do que imaginamos. Muito do que julgamos apartado funciona como as festas do Espírito Santo: são diferenciadas de ilha para a ilha mas o coração é o mesmo. Claro: o preço das passagens da Sata conta muito para para a ignorância sobre as nossas rimas, e espero que se resolva de uma vez por todas este assunto. É uma tolice pagar mais para se ir a outra ilha açoriana do que ir a Londres. Só há uma palavra para qualificar a questão: absurda.

Até nos sotaques existe a (relativamente desconhecida) tese, lembrada por Victor Rui Soares, de que, apesar das mais do que notórias variedades, há uma sonoridade qualquer que nos identifica e nos junta. Não minto quando digo que, ao circular na Terceira, por vezes, quando há velocidade no dizer, passa-me pela ideia estar a ouvir alguém de São Miguel. É inacreditável? Refuto. Sim, mesmo com todos os *i's* terceirenses e os *u's* micaelenses. Não por acaso, trouxe hoje, para a mesa de trabalho, o volume "Dicionário de Falares dos Açores", do florentino J.M. Soares de Barcelos. Num texto inicial, "Algumas Generalidades nas Falas Açorianas", essas parecências fonéticas e verbais – além das distâncias – são salientadas. E vão para além do gerúndio, o desporto mais praticado pelos açorianos. E do facto de, em pequenos, termos todos assistido aos *macaquinhos*.

As novíssimas gerações, e algumas antigas, não saberão que muitos dos termos aqui usados e os modos de falar vêm do português arcaico, aqui conservados pelo nosso isolamento, e chegaram na maior parte dos casos, por via marítima, do Alentejo e do Algarve. "Em muitas das ilhas, o artigo desaparece muitas vezes: 'não vi teu pai, José é que sabe, diz a Manuel, ..., tal como era frequente no português arcaico'".

Talvez tenha alto interesse cultural – digno de ser reproduzido na mais solene aula de português – informar que a famosa formulação *fideputa* fora usada por um tal de Luiz Vaz de Camões. Aqui, por exemplo: "Oh fideputa bargante! esperai, que

estoutro vo-lo dirá". Assim, ao usar-se a expressão num contexto de uma sala-de-aula, sempre se pode alegar junto do professor que se está a citar um dos maiores autores da língua portuguesa. Uma forma de se furta a uma *rabada* ou a uma clássica *tapona*.

Mesmo nas ilhas mais distantes umas das outras, todas elas sujeitas ao *mormaço*, há rimas na forma e no som: "Nas Flores e nalgumas regiões de São Miguel, o ditongo (eu) passou a (ei): mei pai, o mei caniço". O mesmo se passa em relação à segunda e terceira pessoas: "tei pai que te dê, pegue no sei casaco." Deixemos de lado os americanismos porque esses, espalhados por todas ilhas, estão tão enraizados que já se julga terem sido inventados por Gil Vicente.

O prefácio ao precioso livro de Soares de Barcelos é assinado por Cristóvão de Aguiar. Nos seus escritos, Cristóvão advoga sempre que é perigoso falar de uma realidade açoriana por causa das dissemelhanças entre as ilhas. Em todo o caso faz questão de referir que é inegável que existe uma especificidade cultural açoriana. "De facto existe. Na língua falada, a que foi trazida nos séculos XV e XVI, e que manteve, durante séculos, o seu sabor castiço e uma riqueza lexical invejável – não confundir com a pronúncia, por vezes áspera e comedora de sílabas finais e ditongos". Sim, sabe-se que por aqui se mata a fome mastigando sílabas.

Julgam os nativos de cada ilha que a maior parte dos ditos ou das expressões é apenas da sua porção de terreno. Há casos vários em que assim é. Mas em muitos outros não. Mesmo, escândalo!, entre São Miguel e a Terceira. Pergunto amiúde: também se usa na Terceira esta expressão, esta palavra? Fico a saber que sim. Não me surpreendo tanto porque, com os anos, fui reparando na série de consonâncias. Mas agora vou tendo, no dia-a-dia, a confirmação. *Assim com'assim*, mesmo que seja conveniente afirmar o contrário, não somos assim tão diferentes. E até consideramos que, à excepção de um outro *atoleimado*, somos todos *bem discretos*.

Tripulante resgatado de navio mercante em alto mar

Um tripulante, de nacionalidade chinesa, foi resgatado de um navio mercante, que navegava a sudoeste do Faial, avançou ontem a Marinha.

"A Marinha, através do Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo de Ponta Delgada (MRCC Delgada), em articulação com o Centro de Coordenação de Busca e Salvamento das Lajes da Força Aérea, coordenou, desde as 10h59 (horas locais) de segunda-feira, dia 26 de Outubro, o resgate de um tripulante masculino de 48 anos, de nacionalidade chinesa, que se encontrava a bordo do navio mercante "Pacific Myra", com bandeira do Panamá, a navegar a cerca de 655 milhas náuticas (1 213 quilómetros) a sudoeste da Ilha do Faial", lê-se em co-

municado.

O tripulante apresentava "fortes dores na cabeça e peito, com paralisia nos membros superiores, a necessitar de cuidados médicos imediatos".

O resgate foi efectuado pela aeronave EH101 da Força Aérea Portuguesa (FAP), que transportou o paciente para a Base Aérea das Lajes, na ilha Terceira, onde aterrou às 00h25 de quarta-feira, dia 28 de Outubro. O paciente foi posteriormente transferido para o Hospital Santo Espírito, na ilha Terceira.

Estiveram envolvidos nesta operação o MRCC Delgada, o RCC Lajes, duas aeronaves da FAP (EH-101 e C-295) e uma ambulância do Serviço Regional de Protecção Civil e Bombeiros dos Açores.

